

## Novas considerações sobre relações lingüísticas Tupi-Karíb

Aryon Dall'Igna Rodrigues  
Laboratório de Línguas Indígenas, UnB

Há mais de 30 anos, impressionado com as semelhanças que então percebia entre línguas de nítida filiação Karíb e línguas do tronco Tupí e mais particularmente da família Tupí-Guaraní, empreendi um estudo comparativo, cujos resultados apresentei em reunião da American Anthropological Association em Los Angeles em 1977. O trabalho foi acolhido e publicado no volume *South American Indian languages: retrospect and prospect*, organizado por Harriet Klein e Luisa Stark (Austin: University of Texas Press, 1985). Nessas duas décadas poucas reações houve ao artigo. As duas principais foram as de Desmond Derbyshire e de Spike Gildea, ambas apresentadas no Congresso Internacional de Americanistas de 1991, ao qual eu não pude comparecer. Derbyshire consubstanciou, com dados das línguas Karíb, cinco semelhanças gramaticais acrescentadas às que eu tinha referido (Derbyshire 1994) e Gildea fez o mesmo com respeito a um caso específico de nominalização (Gildea 1994). Essas foram, portanto, reações positivas, tendentes a reforçar a hipótese de parentesco genético entre os dois grandes grupos de línguas com base no avanço que se dava no conhecimento da família Karíb. Há poucos anos, meus colegas da UNICAMP promoveram a tradução para o Português daquele meu artigo para incluí-lo no volume comemorativo dos 30 anos do Instituto de Estudos da Linguagem intitulado *Saudades da Língua* (Rodrigues 2003:393-410).

No artigo eu distinguia três conjuntos de semelhanças: (A) um conjunto de elementos lexicais, em sua maioria de vocabulário básico, e alguns morfemas gramaticais, comuns a toda a família Karíb e a todo o tronco Tupí (e não apenas à família Tupí-Guaraní), (B) apreciável número de elementos lexicais, em sua maioria nomes de espécies animais e vegetais, comuns às línguas da família Tupí-Guaraní e a línguas norte-amazônicas da família Karíb e (C) palavras comuns a algumas línguas Tupí-Guaraní e algumas línguas Karíb em situação de proximidade geográfica. Para o conjunto (A) foi possível estabelecer correspondências fonológicas regulares, que, associadas à natureza semântica da grande maioria desses elementos, menos sujeitos ao empréstimo de língua a língua, contribuem para sustentar a hipótese de remota origem comum para as línguas do tronco Tupí e da família Karíb, portanto uma hipótese de parentesco genético. O conjunto (B), ao contrário, é constituído por palavras cujos conceitos, ligados ao meio ambiente, podem ter passado por empréstimo de uma língua a outra, mas, como são comuns a toda a família Tupí-Guaraní e ao grande conjunto de línguas Karíb do norte amazônico, colocam outro problema histórico muito interessante: onde e quando pode ter-se dado o contacto, visto que a família Tupí-Guaraní se situa tipicamente ao sul do rio Amazonas e as línguas Karíb sul-amazônicas não participam do conjunto (B)? A propósito desse conjunto assinalo que ainda não era possível determinar a direção dos empréstimos (se Tupí-Guaraní para o Karíb ou o contrário), tendo observado, entretanto, que uma parte das palavras em questão era fonologicamente atípica em Tupí-Guaraní. O conjunto (C) reflete situações específicas de contacto relativamente recente entre certas populações de língua Karíb com certas populações de línguas da família Tupí-Guaraní.

Nos últimos vinte anos aumentou o número de estudiosos e de estudos tanto para o tronco Tupí quanto para a família Karíb. Para esta desenvolveu Gildea estudos tipológico-comparativos voltados para a reconstrução de propriedades gramaticais do Proto-Karíb (Gildea 1992, 1998) e recentemente Meira e Franchetto publicaram uma comparação lexical das línguas Karíb sul-amazônicas com as norte-amazônicas (Meira e Franchetto 2005). Para o tronco Tupí, com base em novos dados descritivos, passei a consolidar a comparação entre as dez famílias lingüísticas que o integram e a reconstrução fonológica do Proto-Tupí (Rodrigues 2004 e 2005) e, nos últimos anos, em colaboração com Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, a trabalhar na reconstrução gramatical (Cabral 2001, Cabral e Rodrigues 2005a, 2005b, Rodrigues e Cabral 2002).

Hoje já há condições para retomar-se a comparação lexical com base muito mais ampla tanto do lado Tupí como do lado Karíb e estender (e eventualmente corrigir) o conjunto A (é verdade, entretanto, que a grande carência de documentação lexical que dificultava o estudo comparativo há quarenta anos ainda continua sendo um fator fortemente restritivo de ambos os lados). Há também melhores condições para expandir e aprofundar as comparações gramaticais, as quais se basearão nas descrições já produzidas, dependerão muito menos da falta de dicionários e poderão beneficiar-se dos estudos reconstrutivos em ambos os grupos lingüísticos. A avaliação histórica dos achados tem de distinguir pelo menos três tempos e diferentes cenários. Se admitida origem comum para Tupi e Karíb, a cisão que os separou deve ter precedido o desmembramento do tronco Tupi nas dez famílias que hoje o integram e, como eu havia proposto em minha comunicação ao Congresso Internacional de Americanistas de 1956, esse desmembramento teria começado a dar-se mais provavelmente na bacia do rio Madeira (Rodrigues 1958), uma proposta que tem tido aceitação geral por lingüistas e antropólogos. O conjunto B também pode ser expandido, tanto no número de elementos lexicais, quanto no número de línguas Karíb norte-amazônicas, e pode-se verificar melhor se realmente aqueles elementos lexicais estão presentes, em parte pelo menos, em todas essas línguas. Com respeito a esse conjunto B cumpre reverificar sua ausência nas línguas Karíb sul-amazônicas, tanto o Kuikúro, como o Bakairí, o Ikpéng e o Arara. Algumas palavras do Tupí-Guaraní devem ser retiradas desse conjunto, pois já verificamos que estão presentes também em outras famílias do tronco Tupi, sendo reconstruíveis para o Proto-Tupí e devendo passar, portanto, para o conjunto A (é o caso das palavras para ‘cipó’ e ‘cupim’).